

ROSE, UM SÍMBOLO EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA: UM OLHAR SOBRE AS SIGNIFICAÇÕES DO CORPO FEMININO**ROSE, A SYMBOL IN SEARCH OF THE PROMISED LAND: A LOOK AT THE MEANINGS OF THE FEMALE BODY****ROSE, SÍMBOLO EN BUSCA DE LA TIERRA PROMETIDA: UNA MIRADA A LOS SIGNIFICADOS DEL CUERPO FEMENINO****Rafael Ferreira Rodrigues**Mestrando em Geografia, Universidade Estadual de Goiás - UEG,
Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás/GO.
admrodri@gmail.com

Resumo: O ser feminino, a luta pelo lugar da mulher na sociedade em lugares de fala e de representação, é uma das grandes pautas da luta feminista. Não distante disso, no documentário *Terra para Rose* da roteirista e diretora Tetê Moraes (1987), deparamo-nos com uma narradora feminina. Uma mulher que participa nas sucessões dos fatos, e nos conta a história de luta no espaço do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Partindo dessa premissa, o objetivo desse artigo é explorar, a partir de uma abordagem de gênero e das significações do corpo, o documentário *Terra para Rose*, através da exposição que a narradora faz ao focar o corpo de mulheres para a criação de uma narrativa composta por mulheres, que participaram da luta pela desapropriação e posse da terra da Fazenda Annoni. A metodologia utilizada será de natureza analítica e interpretativa, a partir de uma revisão teórica-conceitual sobre a participação da mulher no movimento social na luta pelo direito a terra e na (des)construção do corpo feminino. Tendo como aporte teórico, estudiosos como: Fernandes (2000, 2005 e 2013), Sampaio (2008), Oliveira (2013), Butler (2006), dentre outros. A partir da análise, ressalta-se a importância de ouvirmos os sujeitos deixados à margem das relações sociais, marcados por uma materialidade histórica de luta e ressignificações. Pois, compreender o lugar de fala das mulheres que estão nos movimentos sociais, é uma forma de fragmentarmos e abdicarmos dos moldes patriarcais e machistas.

Palavras-chave: Terra para Rose; MST; Gênero; Corpo.

Abstract: The feminine being, the struggle for the place of women in society, in places of speech and representation, is one of the major agendas of feminist struggle. Not far from that, in the documentary *Terra para Rose* by screenwriter and director Tetê Moraes (1987), we are faced with a female narrator. A woman who participates in the succession of events, and tells us the story of the struggle in the space of the Landless Rural Workers Movement - (MST). Based on this premise, the objective of this article is to explore, based on a gender approach and the meanings of the body, the documentary *Terra para Rose*, through the exposure that the narrator makes when focusing on the body of women for the creation of a narrative composed by women who participated in the struggle for the expropriation and possession of the land of Fazenda Annoni. The methodology used will be analytical and interpretive in nature, based on a theoretical-conceptual review of the participation of women in the social movement in the struggle for the right to land and in the (de) construction of the female body. With theoretical support, scholars such as: Fernandes (2000, 2005 e 2013), Sampaio (2008), Oliveira (2013), Butler (2006), among others. From the analysis, it is emphasized the importance of listening to the subjects left at the margin of social relations, marked by a historical materiality of struggle and reframing. For understanding the place of speech of women in social movements is a way of fragmenting and abdicating patriarchal and sexist molds.

Keywords: Earth for Rose; MST; Genre; Body.

Resumen: El ser femenino, la lucha por el lugar de la mujer en la sociedad, en los lugares de expresión y representación, es una de las grandes agendas de la lucha feminista. No lejos de eso, en el documental *Terra para Rose* del guionista y director Tetê Moraes (1987), nos encontramos ante una narradora. Una mujer que participa en la sucesión de eventos, y nos cuenta la historia de la lucha en el espacio del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST). Partiendo de esta premisa, el objetivo de este artículo es explorar, desde un enfoque de género y los significados del cuerpo, el documental *Terra para Rose*, a través de la exposición que hace la narradora al enfocarse en el cuerpo de la mujer para la creación de un narrativa compuesta por mujeres que participaron en la lucha por la expropiación y posesión de la tierra de Fazenda Annoni. La metodología utilizada será de carácter analítico e interpretativo, a partir de una revisión teórico-conceptual sobre la participación de las mujeres en el movimiento social en la lucha por el derecho a la tierra y en la (des) construcción del cuerpo femenino. Con apoyo teórico, académicos como: Fernandes (2000, 2005 e 2013),

Sampaio (2008), Oliveira (2013), Butler (2006), entre otros. Desde el análisis se destaca la importancia de escuchar a los sujetos excluidos de las relaciones sociales, marcados por una materialidad histórica de lucha y reencuadre. Porque comprender el lugar del discurso de las mujeres que están en los movimientos sociales es una forma de fragmentar y abdicar de los moldes patriarcales y sexistas.

Palabras-clave: Tierra para Rose; MST; Género; Cuerpo.

Introdução

O Corpo moderno, estudado e esquadrinhado, passa a ser observado como “um conjunto de representações mentais, uma imagem inconsciente que se elabora, se dissolve, se reconstrói através da história do sujeito, com a mediação dos discursos sociais e dos sistemas simbólicos” e nessa estrutura “libidinal desta imagem e tudo aquilo que vem perturba-la constituem o corpo em um corpo clínico, um corpo sintoma” um corpo desapropriado de seus direitos e colocado no mapa dos diagnósticos dos olhares dados ao corpo, (COURBIN; COURTNE; VIGARELLO, 2008, p. 9-10), criando um dispositivo de luta.

Ao segregarmos nosso olhar, a fim de perscrutar sobre o corpo feminino, aludimos aos apontamentos de Priore (1994, p.13), “o território do feminino na história não é um lugar sereno, onde a mulher se locomove sem riscos, e onde o confronto e o conflito não imprimem suas marcas.” Assim, analisar o espaço geográfico com um recorte de gênero, possibilita investigar como se dá o processo de opressão feminina inserido em um contexto da sociedade de classe. Percebendo que o espaço pode mostrar a luta de classe, as estruturas de poder entre os gêneros, pois, a luta social apresenta-se como uma luta pela produção social do espaço (LEFEBVRE, 1991).

Nessa luta de constituição de uma narrativa, vale-se quase tudo. A materialidade do corpo, ou dos performativos de gênero é construída a partir dos nossos olhares. Nesse contexto, temos como objetivo, a partir de uma abordagem de gênero e das significações do corpo, explorar e analisar o documentário *Terra para Rose* da roteirista e diretora Tetê Moraes (1987), através da exposição que a narradora faz ao focar o corpo de mulheres para a criação de uma narrativa composta por mulheres que participaram da luta pela desapropriação e posse da terra da Fazenda Annoni, em especial o corpo de Rose.

A Fazenda Annoni, cenário em que se desdobra parte do confronto, foi e ainda é uma referência para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), latifúndio improdutivo, em Pontão no Rio Grande do Sul. Durante a ocupação desse latifúndio no dia 29 de outubro de 1985, dentre as muitas famílias, somos apresentados a Roseli Celeste Nunes da Silva, conhecida pelos companheiros do movimento como Rose, mãe de três filhos, casada e

militante na luta pelos direitos das mulheres e da realização da reforma agrária (SILVA; OLIVEIRA, 2019).

A metodologia utilizada será de natureza analítica e interpretativa, a despeito disso, Marconi e Lakatos (2004, p.279), argumentam que a pesquisa qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”, uma análise voltada para o “conteúdo psicossocial” dos dados. E a partir de uma revisão teórica-conceitual, discutir sobre a participação da mulher no movimento social na luta pelo direito a terra e sobre a (des)construção do corpo feminino. Tendo como aporte teórico, estudiosos como: Fernandes (2000, 2005 e 2013), Sampaio (2008), Oliveira (2013), Butler (2006), dentre outros.

Significações acionadas ao corpo de Rose

Os papéis de gênero, aqui considerados pelos comportamentos ditos como masculinos e femininos, são históricos e, por isso, instáveis. No entanto, quando confrontamos a noção dos papéis de gênero, sempre devemos pensar na materialidade sócio histórica que são acionadas na constituição do pensamento coletivo, em sintonia com a memória social de um povo (o espaço).

Nesta perspectiva, não basta traçar os fatores individuais (que remontam a história familiar ou atribuir causalidade, entre outros), pois, ao se debater os papéis de gênero, requer-se um olhar crítico sobre vivências intersubjetivas, partilhadas, histórico e socialmente (TIMM; PEREIRA; GONTIJO, 2011). A esse respeito, evocamos Judith Butler (2006, p. 13-14):

Considerar al género como una forma de hacer, una actividad incesante performada, en parte, sin saberlo y sin la propia voluntad, no implica que sea una actividad automática o mecánica. Por el contrario, es una práctica de improvisación en um escenario constrictivo [...]. Esta cuestión se torna más compleja debido a que la viabilidad de nuestra individualidad depende fundamentalmente de estas normas sociales.

Para Butler, a identidade de gênero é produzida num quadro de normas rígidas¹. Onde, por tradição hegeliana, somos constituídos como ser social viável pelo desejo de reconhecimento.

O ser feminino, a luta pelo lugar da mulher na sociedade, em lugares de fala e de representação, é uma das grandes pautas da luta feminista. Não distante disso, no

¹Para esse artigo, importa pontuar sobre a inteligibilidade de gênero a partir das normas sociais vigentes, definido como um aparato através do qual se realiza a padronização do masculino e do feminino, mas apontando para uma percepção crítica e interrogativa.

documentário, ora analisado, nos deparamos com uma narradora feminina. Uma mulher que participa nas sucessões dos fatos, e nos conta a história de luta no espaço do MST. A narradora foca o corpo de mulheres para a criação de uma narrativa composta por mulheres que participaram da luta pela desapropriação e posse da terra da Fazenda Annoni.

A esse respeito, elencamos dois fatores importantes para a percepção da posição da narradora: 1) A narradora é representada por um sujeito que quebra nosso paradigma, pois assumi o foco da narrativa e não deixa que um homem ocupe o lugar de representação e da retomada das narrativas; 2) A narradora, assim como qualquer sujeito que retomam um fato acontecido, narra suas subjetividades, narra sua visão dos fatos acontecidos, o que no caso se fortalece no anseio de criação de uma narrativa do MST instaurado na Fazenda Annoni.

Dito isso, a narradora, sujeito que conduz nossos olhares no documentário, nos leva a pensar na decisão assumida pelas mulheres no desejo coletivo de moradia e no desejo individual de consolidação de um lar. Além de nos aproximar das narrativas produzidas a partir do corpo feminino, sempre o coloca no par de igualdade ao masculino.

Na fala da narradora há a marcação dos “processos geográficos” como “processos sociais” (FERNANDES, 2005, p. 4). Nesse movimento do fortalecimento da narrativa, a narradora nos insere nos “movimentos dos espaços sociais e dos territórios nos espaços geográficos” nas “propriedades dos espaços e dos territórios” às manifestações “em ações, relações e expressões, materiais e imateriais” (FERNANDES, 2005, p. 4), levando-nos a preocupação para com o corpo dos ocupantes da Fazenda Annoni.

Nessa narrativa, sobre a necessidade de perpetuação do movimento social para a luta da sociabilidade do espaço no MST, a narradora do documentário, nos apresenta o corpo de várias mulheres engajadas no movimento social, entretanto, elegemos o corpo de Rose para percepção de regularidades nos valores e crenças que influenciam e organizam tanto as ações quanto as concepções de si no movimento social pela luta a moradia, a luta a terra.



Fonte: (Terra para Rose, 1987)

Por estar grávida quando chegou à terra da Fazenda Annoni, o dispositivo da maternidade (conhecimentos acerca do fazer materno e a interferência ativa do seu corpo, na

preocupação de perpetuação da vida que está gerada em seu útero) aparece, no documentário como recorrente aspecto colocado na centralidade do debate. Por dar à luz ao filho, no acampamento, a criança de Rose fica marcada como a primeira criança que nasceu no acampamento, que nasceu na luta por uma sociedade justa, na tentativa de instauração de uma nova e reformulada realidade na dinâmica da apropriação do espaço para a consolidação de famílias.

Rose, já não é marcada de forma isolada, a partir da inserção da narrativa do nascimento de seu bebê, Rose, não é representada como apenas mais uma mulher atuante no MST. Rose se transforma em signo social do movimento, seu corpo, não está mais sujeito as leituras que se fazem ao corpo feminino, pois, ao dar à luz a primeira criança, e por estar em um movimento interligado ao movimento católico, sua criança se reveste da representação da vida dada na terra prometida, na terra que tantos anseiam por adquirirem o direito de posse.



Fonte: (Terra para Rose, 1987)

Nesse processo de reificação do corpo infantil, a criança e Rose, sempre aparecem no documentário em momentos de peregrinação para a conquista da terra prometida, ou em momentos semelhantes à apresentação do corpo infantil, quando o mesmo recebe a “santa unção”. A ideia da peregrinação nos é apresentada pela narradora, quando os acampados, ao não receberem uma posição do governo, marcharam cerca de 500 quilômetros para conseguirem a visibilidade do governo, ao chegarem ao destino final, a câmara legislativa do Estado.

Novamente, a documentarista, nos traz a imagem das mulheres, como pessoas ativas as causas sociais, Rose, mesmo com uma criança com poucos meses de vida, ao ser representada como um símbolo de esperança a conquista da terra, toma frente em atividades que remontam a qualidade alimentar, pois como a mesma diz, “o pessoal do campo gosta de comer bem e muito”.

Rose assumindo o seu papel ativo no documentário, solidariza com todos e fortalece o vínculo de irmandade, com os homens que estão persistindo na tentativa de visibilidade governamental, e as mulheres que se resignificam no processo social como irmãs, na luta

pelo direito a terra. As irmãs que Rose adquire, graças ao movimento social, reforçam os critérios da sociabilidade dos espaços, o que para Caillé (2002) entra em cena, graças ao associativismo das ações, na criação de vínculos efetivados pelo movimento socioespacial, na qual estão inseridas.



Fonte: (Terra para Rose, 1987)

Desta forma, ao olharmos para as práticas dessas mulheres, podemos “captar continuidades e descontinuidades na trajetória de enfrentamento feminino” (BRANDÃO, 2006, p. 225-226) na negativa das opressões e do cerceamento de seus corpos. As mulheres que partem na macha pelo movimento de posse da terra, assumem um lócus ativo no documentário de Tetê Moraes. Entretanto, devemos deixar em ressalva a seguinte reflexão: se o documentário fosse produzido por um homem, as mulheres teriam o protagonismo que tiveram?

A essa reflexão, corroboramos com Ribeiro (2017) que salienta a importância de ouvirmos os sujeitos deixados à margem das relações sociais, marcados por uma materialidade histórica de luta e ressignificações. Pois, compreender o lugar de fala das mulheres que estão nos movimentos sociais, é uma forma de fragmentarmos e abdicarmos dos moldes patriarcais e machistas.

O cerceamento do corpo no movimento sem terra

O que a documentarista nos apresenta como espaço em sua narrativa, deve ser compreendido, excepcionalmente para dinâmica da criação do lócus de representação social. Nesse espaço de significações, devemos salientar a importância da demarcação do espaço geográfico, que delimitam o território percorrido pelo documentário, e

[...] criado originalmente pela natureza e transformada continuamente pelas relações sociais, que produzem diversos outros tipos de espaços materiais e imateriais, como por exemplo: político, culturais, econômicos e ciberespaços. Desse modo, o espaço geográfico é formado pelos elementos da natureza também e pelas dimensões sociais produzidas pelas relações entre as pessoas, como a cultura, política, e a economia. As pessoas produzem espaços e, ao se relacionarem diversamente, são frutos dessa multidimensionalidade. (FERNANDES, 2005, p. 2)

Nessa produção do espaço social e do espaço físico na instauração do enredo do documentário *Terra para Rose*, somos apresentados a um movimento de tomada de direitos, que ao sistema governamental é visto como um sistema marginalizado, “como um ímpeto rebelde, estranho por natureza e indócil por necessidade”, combatido por “um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassam em dominá-la inteiramente” (FOUCAULT, 2007, p.98) reforçando ainda mais o cerceamento do corpo e desapropriação da vontade coletiva.

No documentário, o MST é, aos olhos do governo, um movimento que usurpa das terras de grandes latifundiários, no entanto, na narrativa da documentarista, o movimento se fortalece da necessidade de solidariedade e do bem comum na posse de terras e na distribuição de renda.

Na tessitura da narrativa do documentário, o MST se deu com ações isoladas e conectadas em redes, que tiveram seu cerne no final do período da ditadura militar e ascensão do governo democrático de Sarney, com a esperança da reforma agrária e na distribuição igualitária e social, de terras e na fortificação dos meios de produção e de alimentação.

A narradora, ao mencionar o MST, nos deixa a par de um movimento que “não pode ser compreendido por um momento ou por uma ação, mas por um conjunto de momentos e um conjunto de ações” (FERNANDES, 2000, p. 50) que permanecem na luta dos movimentos sociais até a atualidade.

Por se tratar de um movimento social de reivindicação de direitos, os camponeses, ou os trabalhadores rurais que estavam no acampamento instaurado na Fazenda Annoni “era entendido como um trabalhador que estava ligado à produção não capitalista do capital. Era o símbolo da resistência ao capital.” (SAMPAIO, 2008, p.21). Diante disso não podemos deixar de lado o debate do capital, que:

[...] em seu processo de territorialização destrói e recria o campesinato, excluindo-o, subordinando-o, concentrando terra, aumentando as desigualdades. A conflitualidade gerada pelo campesinato em seu processo de territorialização destrói e recria o capital, ressocializando-se em sua formação autônoma, diminuindo as desigualdades, desconcentrando terra. Essa conflitualidade promove modelos distintos de desenvolvimento. (FERNANDES, 2013, p.181)

Nessa narrativa socioespacial, não “basta entender o campo pelo campo, mas sim na sua interligação com o urbano e com a formação mais geral da sociedade” (SAMPAIO, 2008, p.22), na consolidação de um movimento que auxilie na produção de renda e estabeleça um nivelamento social, no quesito renda e apropriação da terra.

Mas, desafiar o sistema do capital é uma das grandes guerras sociais. Ao ocuparem a Fazenda Annoni, os sujeitos que se colocam no movimento social na ativa, na esperança da posse de terra, apresentam-se

[...] pacientes, não têm pressa, nunca tiveram nada, portanto apreenderam que só a luta garantirá, no futuro, a utopia curtida no passado. Por isso avançam, ocupam, acampam, plantam, recuam, rearticulam-se, vão para as beiras das estradas, acampam novamente, reaglutinam forças, avançam novamente, ocupam mais uma vez, recuam outra vez se necessário for. Não param, estão em movimento; são movimentos sociais em luta por seus direitos. Têm a certeza de que o futuro lhes pertence e que será conquistado. (OLIVEIRA, 2013, p.106)

Entretanto, o movimento, por ir de confronto ao movimento capitalista, é combatido, é colocado ao cerceamento. Os camponeses ocupantes da Fazenda Annoni, são expurgados pelo sistema, pelo governo que não apresenta uma solução a reintegração de posses, e pelo movimento militar que tortura, agride e aprisiona os ocupantes da Fazenda Annoni.



Fonte: (Terra para Rose, 1987)

Nesse vai e vem de incertezas, no movimento de conquista a posse da terra, o corpo feminino, se apresenta no documentário, como questionador da norma social. As mulheres retratadas no documentário, assumem os movimentos sociais e questionam os movimentos governamentais que deixaram de lado as mais de 1500 famílias acampadas na Fazenda Annoni.

Os pedidos, as manifestações, as necessidades só são ouvidas quando se chegou em vistas a eleição federal. Preocupados com a repercussão negativa do acampamento da Fazenda Annoni, o governo desapropria e reembolsa o antigo dono da fazenda. Nesse movimento, o governo corre contra o tempo para garantir uma quantidade irrisória de terra para a comunidade que ali estava acampada.



Fonte: (Terra para Rose, 1987)

Contudo, as dores, os açoites do governo e a omissão dos órgãos competentes em cuidar do bem estar social, marcaram o corpo dos acampados, cercearam seus desejos e os mostraram a ferramenta meticulosa que o governo, na face da perpetuação do capitalismo, impõe a movimentos que não seguem a lógica de consumo.

O tolhimento da vida de Rose

Quando o vigia (o governo e a força militar) se preocupa com o corpo social de suas instituições na esperança de perpetuação via legislação, via reeleição e via omissão, o regime de olhar do vigia, muda. Os jogos de verdade acionados aos contratos sociais que classifica o que é correto e o que é errado cria uma dinâmica individual de cerceamento das vontades daqueles que vão ao confronto dos interesses das estruturas de governo (BOURDIEU, 1989).

Nesta perspectiva, o governo, no processo de governabilidade, converte o corpo dos acampados em um “corpo anormal, um corpo ordinário”, que se “transformaram em espaço de conflito, entre razão política e singularidades do olhar” em abjetos sociais (COURTINE, 2013, p.144).

E por se figurarem na posição de abjetos, as forças de cerceamento, são colocadas à tona. Na procura da seleção e no tolhimento dos direitos conquistados, há a procura do corpo que, no meio da luta de classes é apagado (o corpo feminino).

Aquela que outrora, figurava papel importante na macha pelo direito a terra, portadora da criança que marcou o direito à vida, no acampamento da Fazenda Annoni, foi uma das vítimas dos embates sócio-políticos, econômicos e capitalistas que matam aqueles que lutam por direitos iguais e por justiça social.

No início do documentário, Rose estava sendo representada pela fita branca, na cruz da esperança por moradia e por justiça social.



Fonte: (Terra para Rose, 1987)

Entretanto, como podemos ver ao final do documentário, Rose, não teve seu sonho à terra alcançado, mas figurou no documentário como símbolo, signo da luta social, que graças a documentarista resistirá aos anos e perpetuará em seus discursos a importância de engajamento social de toda a população.

Ao final, lembramos a fala de Rose: “o movimento social é pra todos, do campo e da cidade, ajuda todo mundo”.

Considerações finais

É imprescindível um novo olhar sobre a atuação feminina nos espaços que ocupam, pois, ao olharmos para a história vimos que as mulheres já desempenhavam papéis importantes desde a época colonial, influenciavam nas decisões, agiam de forma a transformar os ambientes onde viviam, contudo, nem sempre seu papel foi destacado pela sociedade.

A sociedade contemporânea está passando por diversas transformações, e reconhecer que a mulher tem um papel importante neste novo cenário é apenas voltar os olhos para uma realidade que se desenha há tempos.

Ao olharmos para a história de Rose, constatamos que terras devem ter função social, devem ser utilizadas para o sustento de famílias e não devem ser testemunhas de atrocidades marcadas por sangue. A ocupação de terras que não são utilizadas, não se enquadra como invasão, mas sim como a ocupação para o sustento, para a produção familiar, para o bem viver, contudo, a ocupação de terras é sinônimo de perda para os detentores do poder, a notícia que se espalha quando há existência de acampamento é marcada pelo termo ocupação, e retirar de bens de forma truculenta.

No documentário, podemos observar, um pouco, sobre a existência de grandes disputas em jogos na construção de uma verdade sobre o campo, disputas atreladas ao saber intelectual, que apaga e segrega grande parte da população camponesa, e uma disputa de cunho capitalista que estabelece padrões e desafia o sistema de produção a uma produção máxima sem o cálculo do prejuízo a vidas e a terra. Nesse sentido, Oliveira (2013) chama-nos

a atenção às posses ilegais adquiridas pelo poder capitalista, e a luta por um direito constitucional que transforma o cidadão, camponês, em preso político e o leva ao banco dos réus como a pessoa que executou algo de errado ao lutar pelo direito à moradia.

Ainda nessa perspectiva, para Oliveira (2013) a barbárie sempre perpetuada por grandes jogos políticos, podem ser eliminadas quando existir uma distribuição igualitária de terras e quando a economia ser construída de forma solidaria, comunitária, de processos orgânicos, saudáveis. Mas, assim como asseverado pelo autor, uma grande utopia seria imaginar que o processo capitalista deixaria os bens de produção e de consumo na mão dos pequenos produtores.

Nesse jogo de criação utópica, para não concluir, somos impelidos a questionar: qual o valor da vida? Quantas Rose(s) morrem ou precisarão morrer para que o governo realize a Reforma Agrária?

Referências

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, E. R. Renunciantes de direitos? A problemática do enfrentamento público da violência contra a mulher: o caso da delegacia da mulher. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 207-231, 2006.

BUTLER, J. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

CAILLÉ, A. Dádiva e associação. In: Paulo Henrique Martins (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CORBIN A; COURTINE JJ; VIGARELLO G. **A história do corpo 1**. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2008.

COURTINE, J.J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Trad.: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **OSAL. Observatorio Social de América Latina**. Ano 6, n. 16, p. 273-283, jun. 2005.

FERNANDES, B. M. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: STÉDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária no Brasil**: o debate na década de 2000. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 173-238.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MARCONI, M.A. e LAKATOS, E.M. **Metodologia científica**. 4ª edição revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2004.

OLIVEIRA, A. U. **Barbárie e modernidade**: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. In: STÉDILE, João Pedro (org.). *A questão agrária no Brasil: o debate na década de 2000*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 103-172.

PRIORE, M D. **A mulher na história do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAMPAIO, F. S. Materialismo dialético e o caráter interdisciplinar da geografia agrária. **Revista Faz Ciência**, v. 10, n. 12, jul./dez. 2008. p.11-30.

SILVA, B. C; OLIVEIRA, F. A. G. Roseli Celeste Nunes da Silva. **Cartilha Mulheres e Resistência Agroecológica**. V. 6. INFESS/UFF, 2019.

TERRA para Rose. Direção: Tetê Moraes. Produção: Vemver Comunicação. Roteiro: José Joffily; Tetê Moraes. Fotografia de Walter Carvalho; Fernando Duarte. [S. l.: s. n.], 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZlqjK4K1-0>. Acesso em: 4 jul. 2020.

TIMM, F. B; PEREIRA, O. P; GONTIJO, D. C. Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2011, vol.11, n.22, pp. 247-259. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v11n22/v11n22a05.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.